

## **A COMERCIALIZAÇÃO DO DESEJO: UMA QUESTÃO DE SUPLÊNCIA OU COMPLEMENTARIDADE?**

Elisangela Marcos Sedlmaier; Hermano de França Rodrigues, Nicole Corte Lagazzi

*Universidade Federal da Paraíba – elisangela.sedlmaier@hotmail.com*

*Universidade Federal da Paraíba – hermanorg@gmail.com;*

*Universidade Federal da Paraíba – nicolelagazzi@gmail.com;*

### **Resumo:**

A contemporaneidade nos abraça como se o mundo fosse de pura fugacidade, liberdade e de prazer. Por estarmos inseridos neste contexto sabemos que os discursos, amiúde, exalam odores narcísicos, próprios de um certo hedonismo que violenta a diferença e a alteridade. Nesse cenário, o corpo erótico, por vezes, encontra-se envolto no véu do proibido e do desconhecido, permanecendo inócuo frente ao conservadorismo e a hipocrisia. E a situação parece tornar-se mais complexa quando tentamos abarcar o corpo prostituído, pois alguns véus podem cair e ulteriores teimam em aparecer, deixando latente a incapacidade humana de lidar com as vicissitudes da sexualidade. O corpo prostituído, ainda considerado um organismo doente, imoral e pornográfico, é um forte indicador das contradições sociais, responsáveis pela estigmatização de um feminino que, resistente à opressão, consegue se subjetivar e se (re)significar a partir das perdas que lhe são solidárias. Abordaremos esta dinâmica a partir da intersecção dos saberes oriundos da arte literária e da ciência psicanalítica. Para tanto, percorreremos as páginas do livro *Amar: Verbo Intransitivo- Idílio* (1927), do escritor modernista Mário de Andrade (1893-1945). Este ano, a obra completa 90 anos do seu lançamento e foi escolhido de forma proposital, pois, mesmo com os enormes avanços dos movimentos sociais e feministas, o corpo feminino, independente de sua natureza, continua recoberto pela incompreensão. Debruçaremos sobre a personagem Elza ou Fräulein, uma alemã que chega ao Brasil, fugindo dos terrores da guerra, e, aqui, empenhará seu corpo na arte de ensinar a amar, como Andrade descreve.

**Palavras-chave:** Corpo prostituído, erotismo, literatura, psicanálise.

O artigo proposto busca entrelaçar o erótico e/ou pornográfico<sup>1</sup> como elementos fundantes do corpo. Abordaremos o corpo feminino e prostituído, através de outras duas correntes que se cruzam desde a criação de uma delas, estamos falando da literatura e da psicanálise. O fundador ou o “pai” da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1919), estudou e utilizou algumas trajetórias literárias para construção e fundamentação de alguns conceitos psicanalíticos, podemos citar como exemplo o livro *Édipo Rei*, de Sófocles, que Freud, a partir do personagem mítico e sua trajetória se alicerçou para construção do conceito homônimo, “Complexo de Édipo” que, subsequentemente, viria se tornar um clássico na teoria psicanalítica.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho não faremos diferenciação dos termos erótico e pornográfico, nos apoiaremos nos dizeres de Moraes (2005, p.97) “ Por certo, a dificuldade de se estabelecer as diferenças entre o que seria “erótico” ou “pornográfico”- reafirmada pelos historiadores, que preferem empregar os dois termos indistintamente”. Além de ser algo relativamente recente, esta distinção envolve uma gama de outros fatores, entre eles, culturais, sociais e cronológico. Precisamos também considerar o olhar individualizado, considerando que o erotismo e/ou pornográfico está na concepção de cada indivíduo sobre seu efeito.

A literatura pode nos trazer um modo de ser, estar e pensar, além de trazer as (im)possibilidades de caminhos, que de acordo com a Moraes (2013, p.16) ocorre da seguinte forma:

Seu funcionamento requer a obliquidade do olhar, a reviravolta do raciocínio, a atenção flutuante ou qualquer outra manobra que caiba naquela disposição de pensamento tão nomeada por Clarice Lispector como “distração fingida”. Trata-se de abordar os objetos dos quais nos ocupamos pelas tangentes, buscando divisá-los pelas brechas e conhecê-los pelas bordas.

E a partir destas formas flutuantes buscaremos na personagem Elza ou Fräulein, o processo das diversas dimensões dentro das performances que recaem sobre este corpo erótico e prostituído. A personagem em questão é a protagonista do livro de Mario de Andrade, *Amar: verbo intransitivo-Idílio* (1927). O livro foi escrito entre 1923 e 1924 e lançado em 1927, quando Andrade sofreu duras críticas sobre seus escritos. Para melhor compreender este aborrecimento por parte da crítica e dos leitores, iremos contextualizar o livro. *Amar: verbo intransitivo*, que descreve a história de Elza ou Fräulein, uma alemã que foi contratada pelo Sr. Sousa Costa, para além de ministrar aulas de alemão e piano para seus filhos, ela deveria iniciar e ensinar o “amor” para seu filho mais velho Carlos, um adolescente de dezesseis anos. E assim, Elza se adentra na casa e na vida da família Sousa Costa, dividindo seus dotes artísticos e ensinando sua arte de amar. A professora e crítica literária Telê Porto Ancona Lopez (1992, p.10) faz o prefácio e um estudo que se encontra na 16ª edição do livro onde descreve um pouco mais sobre nossa personagem:

O romance, porém, não pretende apenas contar uma história de amor; como texto moderno e modernista que é, tem muitos outros propósitos... Possui, além da heroína muito e pouco heroica, outra personagem “principal”, esta não participando diretamente da intriga, mas vivendo os percalços do contar- o Narrador. O narrador firma com autonomia sua voz, existindo na linha machadiana da perplexidade, tentando entender uma figura singular de mulher, dela se distanciando, ou com ela se solidarizando, admitindo, todavia, que Fräulein lhe escapa- pirandelianamente- e faz com que se questione. Mesmo sendo o único a se referir à heroína pelo nome de batismo- para todas as demais personagens ela será sempre e unicamente “Fräulen”, forma de tratamento (senhorita) que, para o alemão, designa habitualmente professora- conseguindo se expressar no feminino ou apoiando-se em teorias para explicar comportamentos e o amor, não fecha sua figura. Ficam pistas, pegadas mais ou menos nítidas, para que o leitor tente, ele também, desvendar Fräulen através dela própria ou dos traços que o Narrador simplesmente registrou e não aprofundou em seu significado.

Apropriando-nos dos emaranhados de informações e vazios deixados pelos personagens, buscaremos uma pequena cartografia deste corpo vivenciado por Frälein, a partir dos diversos olhares dirigidos a ela e principalmente seu corpo.

A princípio podemos dizer que Fräulein foi uma mulher que fugiu do seu país devido às inúmeras mazelas causadas pelas guerras e conflitos. Aqui, no Brasil, ou poderia ser qualquer outro país, era uma espécie de exílio para Elza, um lugar que deveria ser apenas um ambiente de passagem, quase um entre lugar ou um não lugar de acordo com o pensador Marc Augé; um espaço que não a pertencia. Isso nos parece muito claro, pois a maior vontade de nossa personagem era retornar, era estar entre os seus, era “vestir” novamente a sua vida e/ou principalmente todos os sonhos que, mesmo sendo rememorados diariamente, continuavam presos, tanto na distância física quanto a emocional, mas assim pelo menos não causavam nenhuma decepção.

A partir desta apresentação observamos que Elza, alemã, 35 anos, foi descrita pelo autor como não sendo nem bonita nem feia, o que nos parece trazer um ar mais real à personagem, e tinha como profissão o dom de ensinar, sendo a professora Fräulein. Estas são apenas as características aparentes, veremos que nossa personagem era e é muito mais complexa, uma mulher transpassada por dicotomias que a faz única como cada indivíduo.

As dicotomias começam pelo próprio nome, Elza, porém o único a chama-la assim era o narrador, já Fräulein (professora ou senhorita em alemão) era o nome chamado por todos os personagens; poderíamos pensar em Fräulein como um nome de “guerra”, usualmente usado por prostitutas, um pseudônimo onde a própria Elza se escondia, mas não podemos desconsiderar que seu “pseudônimo” estava atrelado a sua língua materna, trazendo uma carga de superioridade tão peculiar e necessária no posicionamento de Elza. Outro oposto que transpassa a vida de Elza era o homem-da-vida e o homem-do-sonho, isto nos parece uma analogia de sua própria vida, dividida em realidade e sonhos, adentrando em sua subjetividade, que ora associado ao homem-do-sonho, ela podia recorrer as suas fantasias, que de acordo com Nasio, (1980, p,72):

“A fantasia é uma ação que se organiza seguindo os contornos do objeto pulsional pela qual o sujeito se precipita, foge para mais adiante. Assustado com a ocorrência, angustiado diante do enigma do desejo do Outro, o sujeito se restabelece com uma imagem que lhe vai servir de apoio. Pois, sendo a fantasia uma construção, não se pode construí-la do nada, são necessários materiais e modelo”.

Com isso, notamos que a fantasia é algo que correlaciona a vida pregressa, atual e futura do indivíduo, buscando o desejo para satisfazer algo que está apenas no inconsciente, sendo uma forma de sustentação para Elza encarar o homem-da-vida, ou como explica o narrador, “é o que a gente vê, é o [...] que age não pensa” ( ANDRADE, 1992 p.54,68) , sendo assim, Fräulein era um misto de sonho e de dia a dia, de fantasias e desejos, uma mulher que foi se construindo. Elza era uma mulher dona dos seus desejos, e em suas relações objetais o valor monetário era o requisito

fundante, porém não se restringia somente a isto, deste modo, podemos pensar na mulher e na prostituta; uma mulher que não está disposta a sofrer, mas que no jogo erótico os imprevistos também ocorrem. Para alcançar seus objetivos Fräulein trabalhava a sedução, “é preciso ser sedutora, manipular os homens para que a desejem, o que a transforma em uma narcisista que prefere ser amada a amar” (FORTES, 2010, p. 170). Esta posição narcísica que Elza se colocava ou era colocada esta relacionada diretamente com o seu trabalho, como forma de preservação.

Outra dicotomia presente em nossa personagem estava ligada ao social, à relação da burguesia e dos proletários ou assalariados. Sabemos que Elza não fazia parte da burguesia, embora inserida neste contexto, ela fazia seu trabalho em troca de pagamento, valor monetário que acalentava o sonho de retornar para sua terra natal. Fräulein mesmo não pertencendo à burguesia, consentia e apregoava seus valores; ela condenava a si mesmo, quando declarou, na primeira página do livro, “tenho a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer” (ANDRADE, 1992, p.49), defendendo, assim, a ordem e a moral impressa nesta sociedade, porém não podemos desconsiderar que seu trabalho é uma forma de transgressão, de se impor diante do preconceito e da desvalorização feminina.

Fräulein também se encontrava diante do que para ela era imprescindível ao ser humano, a disciplina, porém a disciplina alemã, com seus modos e costumes, com certa frieza, tão peculiar a Elza, “vejam por exemplo a Alemanha, que-dê raça mais forte? Nenhuma” (ANDRADE, 1992, p.63), assim nossa personagem tentava escamotear e amordaçar o sublime, mas que em alguns momentos lhe escapara. Questionava a “brasilidade”, colocava-a como uma raça inferior, criados na indisciplina, e usufruindo deste pensamento se posicionava, diante do que acreditava ser a supremacia de raça, mantinha seu mistério, conservando-se nesta superioridade.

Outro ponto de divergência estava relacionado entre o sagrado e ao profano, isto é, o lar sagrado e o sexo profano, pago, porém podemos trazer outro olhar sobre esta dicotomia: valorização da sexualidade, como forma de redimi-la do pecado original ou sexual, mesmo sabendo que, neste contexto, a ideia vinha apregoada para outros fins.

Depois de termos uma dimensão geral destas dicotomias que transpassa nossa personagem, buscaremos a Elza/ Fräulein, mulher, dona do seu corpo e dos seus desejos e inserida em uma sociedade movida pelos véus da hipocrisia.

Sabemos que nossa professora se intitulava como professora do amor, mas, “é coisa que se ensine o amor? Creio que não. Pode ser que sim. Fräulein tinha um método bem dela.” (ANDRADE, 1944, p.63). E assim Elza vai fazendo do seu corpo um lugar de aprendizagem,

entretanto alguns observam este corpo sendo ele recoberto pelo prazer e, para outros um corpo devasso e fragmentado.

Antes de falar sobre a prostituição, faz-se necessário adentrar no receptáculo que encerra esta palavra, o corpo. Para psicanálise, o corpo não se encontra inserido em um conceito fechado, e sim encontramos noções de corpo, corpo este que é individual, subjetivo e que pede escuta.

De acordo com psicanalista Maria Helena Fernandes (2011), o corpo na contemporaneidade está à frente de uma cena social, está em alta. O corpo passou de uma esfera fechada para um âmbito público, embora o corpo da prostituta sempre estivesse resvalando ora mais ora menos nessas esferas. Não podemos desconsiderar que o livro de Andrade foi escrito na década de 20, neste momento o Brasil passava por uma ambiguidade de costumes entre o moderno e o tradicional, desenhando novas formas de posicionamentos de homens e mulheres e entre a classe burguesa e a assalariada, mas como nos descreve melhor Machado et al., (2008 p.3)

[...]há uma dialética dúbia entre o que era considerado moderno e o que era tradicional. Ela aponta, ainda, que muitas vezes o discurso tradicional era utilizado, também pelas próprias mulheres, para tornar evidente seu papel na sociedade, de dona de casa e mulher do lar.

Neste momento, a classe burguesa, com quem Elza negociava seus serviços, ainda mantinha traços tradicionais, pelo menos e, principalmente, para o sexo feminino. Sabemos dos muitos avanços que foram conquistados até os dias atuais, mas em se tratando do corpo e do corpo feminino que se mostra e se mercantiliza, ainda diagnosticamos uma opressão e um aproveitamento destes corpos por parte de uma sociedade calcada nos moldes tradicionais de subjugação da mulher.

Na trama, nossa personagem é inserida como uma “educadora”, pois “a profissão dela se resume a ensinar os primeiros passos, a abrir os olhos, de modo a prevenir os inexperientes da cilada das mãos rapaces. E evitar as doenças, que tanto infelicitam o casal futuro” (ANDRADE, 1992, p.63), além de ensinar a “criar um lar sagrado!” (ibidem, p.78). Esta afirmativa de “construir um lar sagrado” nos parece um tanto controversa, pois a prostituição é considerada o oposto do sagrado, embora nem sempre tenha sido assim. Esta incursão no território do pecado ocorre quando as sociedades mudam seu *modus operandi*, do matriarcado para o patriarcado, e, posteriormente quando a igreja, protagonista no jogo de poder, define a mulher a raiz de todo mal.

A prostituição passa por diversos momentos históricos, sai do sagrado para o profano, além de alterar as “roupagens” no decorrer dos séculos. O comércio do corpo, em tempos passados, ocorria nos jardins, nos lupanares, nos bordéis e nas ruas, mas no livro podemos perceber uma mudança conceitual, não que esta condição não existisse, ela existia, mas geralmente concebida de

outras formas, uma delas, era que muitos garotos abastados começavam sua vida sexual com as funcionárias da casa do seu pai, o que ocorria em alguns casos sem consentimento da mulher, mas Fräulein não. Aqui a prostituição se insere dentro do “lar sagrado”, no seio familiar, e com o aval dos pais, o que, em um primeiro momento, parecem ser dois espaços inconciliáveis. Outro fator que nos causa certo estranhamento é a “benevolência” com que o Sr. Sousa Costa tratava Elza e o receio e intolerância com as outras mulheres que realizavam o mesmo trabalho. Este temor, ao que nos parece, era somente referente ao que elas poderiam tirar de vantagem do seu “ingênuo” filho, já que nossa personagem entra na história para “salvar” Carlos das “mãos” destas “outras”.

Não podemos desconsiderar neste âmbito, uma hipocrisia social burguesa, onde o homem provedor e poderoso, e já contando com indicações de seus amigos, contrata Elza, sabendo que ela não lhe traria problemas, e sim, o pouparia de problemas futuros, sendo assim, fechava os olhos quando lhe convinha para conseguir seus objetivos, atitude esta, que podemos transpor às práticas sexuais diversas, que se encontram inseridas na obscuridade e na marginalidade, lugar que de acordo com Ceccarelli (2008, p.9) é “o território de prazeres ilegítimos, que conta com a cumplicidade entre aqueles que o frequentam, permite ao homem viver fantasias sexuais inconfessáveis, sem se sentir ameaçado em sua identidade sexual”.

E escondida nesta marginalidade velada e inserida nos muros do lar sagrado, Fräulein se impõe, denunciando traços da família burguesa, além de evidenciar a sexualidade, elemento fundante do ser humano, mas tão escamoteado e ofuscado pelas regras sociais. Elza se apresenta: “não me agradaria ser tomada por aventureira, sou séria, [...] Tenho a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer, nada mais nada menos. É uma profissão” (ANDRADE, 1944, p.49). Considerava sua profissão como um sinal de fraqueza e, da mesma forma como ponderava sua profissão, o fazia com tudo na vida e gostava que assim o fizessem com ela.

Pensando na forma como Fräulein se impõe, podemos relacionar sua forma de agir ao modo como Françoise Dolto, psicanalista francesa, aborda a imagem do corpo que cada indivíduo constrói, “A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais (2015, p.14)”, e, a partir destas construções, vamos dando significados ou muitas vezes (re)significando características que por vezes são recalcadas ou preponderantes na nossa subjetividade.

Fräulein era transgressora, caminhava pelos meandros da sociedade de forma a estabelecer sua posição de forma subjetiva, mas também sabia, e de certa forma já se acostumara, que assim que o trabalho findasse, “[...] Fräulein irá pra esse sótão da vida, quartinho empoeirado, aonde a

gente joga os trastes inúteis. Até desagradáveis. Mas por agora ela apenas fora viver num quarto andar. Sem elevador,” (ANDRADE, 1944, p.145). Ela sabia que cairia no esquecimento de uns, ou seria lembrado como um bom investimento para outros.

Neste processo vemos uma “Fräulein, mesmo subjugada pelo capital e pela burguesia de seu tempo em um ambiente hegemonicamente patriarcal, transpõe barreiras através da razão, praticidade, e conhecimento, denunciando o preconceito e a desvalorização feminina” (SILVA & ALVES, 2015, p.10).

Mesmo Fräulein denunciando e trazendo toda a problemática que está imbuída a prostituição, os diversos olhares que recaem sobre a mulher, prostituta, por vezes são apregoado por estigmas, que de acordo com Goffman (1988), são valores ou pré concepções que são traduzidas como realidade, e que todos os seres sociais estão inseridos. Sendo assim, a estigmatização recai sobre o que a sociedade considera fora dos padrões, no caso aqui a sociedade burguesa e patriarcal, desconsiderando as coisas boas de um grupo ou do indivíduo e se focando apenas nas coisas ruins, reduzindo assim este grupo ou indivíduo.

E pensando no estigma de Goffman e no estudo de Russo (2007), estes trazem algumas variantes deste estigma, Russo (2007, p.503) descreve que “seria possível afirmar que quanto maior o montante pago para adquirir o serviço por ela oferecido, mais ela se afasta do estereótipo social ligado a figura da prostituta”, sendo assim, quanto maior for o valor monetário efetuado menor será o estigma, fazendo com que este indivíduo fuja de certa forma dos estereótipos que caem sobre ele (a).

Podemos verificar este limiar que vivia Fräulein, pois ela não estava inserida em um estereótipo tradicional da prostituta, a prostituta de rua, promíscua, e sim ela rompia com estes valores pré-concebidos. Ela trilhava seu caminho, não trazendo o estereótipo de vítima, mas usufruindo do seu corpo, e na concepção dela, na sua forma de educar, sendo a professora do amor, como forma de obter dinheiro, traçando uma relação que não é somente permeada pelo dinheiro, e sim que existem relações subjetivas, entre ela e o cliente, criando relações sociais, e aqui podemos questionar quem é cliente de quem? Observamos as posições sendo intercambiadas, uma espécie de escambo da solidão por desejo, mesmo que momentâneos, (re)significando a cada um dos atores sociais, onde as faltas e vazios podem ser preenchidas pelo olhar desejante do outro (a), e assim é possível encontrar a satisfação da possibilidade de ser desejável e desejante.

Neste quesito do ser desejante e desejável, podemos pensar na constituição da mulher; Fernandes (2011), nos esclarece que, partindo dos conceitos freudianos, a alteridade é um elemento

chave para concepção do próprio corpo. Sabemos que os processos para constituição dos indivíduos são diferentes, e de forma bem resumida e através de uma metáfora Calligaris (2006, p.35) descreve este corpo de mulher como “imaginariamente vivido como faltoso e retalhado. Esse corpo definido inicialmente por uma espécie de imaginária ablação cirúrgica, reforçado pela idéia (sic) de uma ferida que nunca cicatriza e, periodicamente, sangra.”

Este corpo feminino que tem em sua constituição esta falta e vazio, ainda é marcado pelas leis sociais, leis movidas pela repressão da sexualidade feminina, dividindo as mulheres como sendo de “família” ou as “outras”, barrando o próprio desejo e a própria pulsão feminina.

Pensando em Fräulein, temos uma mulher desejante, sendo barrado pelas leis, mas transgredindo-as, e buscando entre as fendas e as carências, possibilidades de satisfação deste corpo erótico, utilizando a sedução que, de acordo com Fortes (2010, p.169), inspirada em Birman:

Quando falamos do corpo feminino, falamos do falso corpo, dos esforços que as mulheres fazem para se tornarem mais desejadas. Assim esse corpo não é seu, é produzido e desvenda o falo, o desejo de ser desejada. A sedução seria o resultado da luta por prestígio nas relações entre os sexos. Para se opor à figura do homem com o falo, restaria à mulher capturar do homem, através da sedução, seu poder erótico e social. Desta forma, ela se sentiria valorizada como senhora toda poderosa de suas conquistas amorosas, como forma de diminuir as disparidades entre os sexos, visto que o homem levaria vantagens em outros âmbitos da existência.

Nesta busca corpórea e social, encontramos na montagem da personagem uma mulher que é colocada dentro em um papel pouco estimado dentro da sociedade, mas que, em contrapartida, vem apregoando a sexualidade como forma de subjetivação, ou de redenção na visão do pai contratante, e como sinônimo de um primeiro amor, destes meninos que pouco ou nada sabem destes corpos que vão se construindo dentro deste paradoxo de liberdade para uns e repressão para outros.

Diante deste cenário, Elza ia se desfazendo e se refazendo, em sua própria incompletude, tão intrínseca ao ser humano, buscando um gozo, algo que a motivasse, que marcasse sua existência em relação a si e ao outro, nos dizeres de Andrade inspirado nos conceitos freudianos (1992, p.80) “ Não existe mais uma pessoa inteira neste mundo e nada mais somos que discórdia e complicação. O que chama-se vulgarmente personalidade é um complexo e não um completo”.

Assim nossa heroica personagem surgiu entre e demonstrando as mazelas sociais, e através deste complexo emaranhado de papéis deixava em evidência esta dissidência entre os sexos, posições, classes sociais, que continuam apregoando julgamento de valor, moral e social, a um corpo que perpassa, mas vai muito além, do erótico e/ou pornográfico.

Neste trabalho não nos coube fazer julgamento de valores e nem atestar a prostituição como algo benéfico. Sabemos dos inúmeros problemas que decorrem desta prática. Pretendemos sim,

mostrar que o corpo feminino prostituído dentro do contexto literário, no livro de Andrade, é um corpo inteiro, erógeno e tão valoroso quanto qualquer outro. Pretendemos levantar uma indagação sobre as dissidências impostas por uma sociedade que ainda traz um olhar machista e patriarcal sobre o corpo ou sexo alheio, principalmente se falarmos da prática sexual das prostitutas, porém não podemos esquecer que alguns membros que compactuam destes pensamentos são “compulsivos” frequentadores destes corpos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Mario de. **Amar, Verbo Intransitivo- Idílio**. 16. Ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica, 1992.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição- Corpo como mercadoria**. In: *Mente & Cérebro- Sexo*, v.4 (edição especial), dez. 2008. Disponível em: [http://ceccarelli.psc.br/pt/?page\\_id=157](http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=157). Acesso em 10 jun.2017.

DOLTO, Fraçoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2015. Tradução: Noemi Moritz e Marise Levy.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2011.

FORTES, Maria da Graça G. A prostituição: uma forma possível de subjetivação frente ao desamparo. **Contemporânea- Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n.10, Jul/Dez, 2010.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro:LTC, 1988.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Uma difícil conjugação**. In: ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo: idílio*. 18. ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica, 1992.

MACHADO, Clarice, et al. **O espaço e o papel femininos na década de 1920**. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n2/pdf/resenhafonfon.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2017.

NASIO, Juan David. **Objeto da Fantasia** In: *A criança magnífica da psicanálise o conceito de sujeito e objeto na teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980 p. 64-83.

MORAES, Eliane Robert. **Perversos, Amantes e outros Trágicos**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

RUSSO, Glaucia. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Caderno CRH**, Salvador, v.20, n.51, p. 497-514, Set./Dez. 2007.

